

COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR

Os gatos da República

O presidente Fernando Henrique Cardoso parece aos seus interlocutores disposto a, retomando hoje o trabalho na volta da reunião do Grupo do Rio, realizada no México, assumir a condução do governo e da aliança de partidos de maneira a não deixar dúvidas sobre quem é o chefe da nação. Não se deve esperar, porém, mudança radical de estilo, daquele tipo que exige a volta do cidadão ao berço para renascer dando socos na mesa.

Fernando Henrique continuará sendo o mesmo, porém com nuances importantes, diz um dos que confiam na transformação de agora, pautada, sobretudo, pelo fato de estar o presidente ferido pela ação política dos que o acusam de leniência com a corrupção.

Em entrevista à *Veja* do último fim de semana, disse o presidente que a leitura das suas conversas gravadas pelo grampo do BNDES lhe provocou náusea (um termo forte do novo Fernando Henrique), mas se mostrou conformado com a lentidão e ineficiência das apurações sobre a autoria das gravações (uma atitude do velho Fernando Henrique). Para os que estão mais perto, o presidente que atuará agora é o que se deixa mover pela indignação.

Uma das traduções possíveis desta decisão, tendo como alvo a oposição, é, por exemplo, não deixar nada sem resposta, a mais dura possível, até ficar claro que tudo não passa de aproveitamento político distorcido dos fatos. Para dentro do governo, uma nova atitude é, por exemplo, uma reaproximação sua e não afastamento das demais vítimas do que considera injustiça do grampo. E isto é tudo o que não querem os "adversários" que freqüentam a aliança partidária.

O presidente passaria, ainda, a ficar mais aberto a pedidos de demissão, embora veja a substituição de auxiliares como uma medida mais simbólica do que salvadora, simplesmente pelo fato de que as substituições continuam muito difíceis e poderiam acabar sendo todas pautadas pelo princípio de governo já anunciado em público do *quem-não-tem-cão-caça-com-gato*.

Esta semana mesmo viu-se que a persistência nesta política de escolhas tem revelado um equívoco atrás do outro. O novo líder do governo no Senado, Fernando Bezerra, era o dono, como presidente da Confederação Nacional da Indústria, de uma pesquisa nacional sobre credibilidade e aceitação que é péssima para o governo e o presidente. Para não fugir da raia, teve que anunciá-la sob evidente constrangimento, que deve ser o seu sentimento permanente a partir de agora no Senado.

Colocar qualquer indicado por partidos no lugar dos chefes da Casa Civil e Militar da Presidência, que estariam demissionários segundo informações não totalmente desmentidas na sexta-feira, ou dos ministros da Saúde e da Previdência, que estão brigando com violência em público, ou da Polícia Federal, ainda sob o controle de um dos adversários do governo, é sair à caça sem cão.